

Carta Pastoral de Ano Novo do Bispo Paulo Otsuka - 2022

Viver a fé na era do Coronavírus - 2ª Parte

Enfrentar a morte como cristãos

Bispo Católico de Quioto

Paulo Otsuka Yoshinao

Introdução

Nesta Carta de Ano Novo 2022, quero refletir com vocês sobre como viver nossa fé na era do coronavírus, especificamente com alguns conselhos sobre como enfrentar a morte como cristãos.

À medida que a sociedade japonesa experimenta um rápido declínio nas taxas de natalidade e o envelhecimento da população, um número crescente de pessoas mais velhas deseja viver o resto de suas vidas sem ser um fardo para seus filhos e outras pessoas. Eles entendem que preparar-se para enfrentar a morte se tornou essencial para viver melhor o tempo presente. Esta época de pandemia do coronavírus tem sido uma oportunidade para as pessoas se questionarem fundamentalmente sobre suas atividades sociais, econômicas e estilos de vida individuais.

Como cristãos vivendo nesta era do coronavírus, quero refletir sobre o encontro com a morte no final de nossa vida, à partir de um ponto de vista bíblico, que possa levar-nos a um estilo de vida mais positivo. Daqui em diante, com o termo “fim da vida” no texto, sempre me referirei à “vida após a morte como cristãos”. Para quem achar que falar do "fim da vida" é muito cedo para pensar nisso, favor de referir-se ao "fim da vida" como um indício de "vida / atividade", ou seja, a "vida e atividade" no presente, hoje.

1. Receber a vida em abundância

"Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância." (João 10, 10).

Começemos nossas reflexões sobre o encontro com a morte com as belas palavras de Jesus sobre receber "vida abundante". Não se trata de abundância de riqueza e sucesso mundano, mas da abundância da vida eterna que vence à morte. Como diz São Paulo, *"Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido."* (cf. 1 Coríntios 13, 12).

Portanto, nossa primeira tarefa ao encontrar-nos com a morte é tirar tudo o que temos na memória. Devo ser como um erudito que se tornou um discípulo do reino dos céus. É como o dono de uma casa que tira do seu tesouro coisas novas e velhas (cf. Mt 13, 52). O antigo é a amarga lembrança de ter rejeitado o amor de Deus, enquanto o novo é a experiência evangélica de resposta ao chamado de Jesus.

Cada vez que o povo de Israel se lembrava e comemorava os eventos do Êxodo, eles agradeciam pela orientação paciente de Deus em sua desobediência e aguardavam o culminar

de sua salvação. Da mesma forma, quando examinamos nossas memórias com sinceridade e encaramos honestamente nosso passado, nossos corações despertam a vontade e a esperança de um futuro feliz.

2. A casa do Pai de Jesus nos aguarda

O encontro com a morte confirma o sentido do nosso nascimento neste mundo, dando graças por viver no amor e na graça de Deus.

Jesus disse na Última Ceia: *"Na casa de meu Pai há muitas moradas."* (João 14, 2). Esta casa é a morada eterna no céu da Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (2 Coríntios 5, 1). Imagino que todos nós somos convidados para lá, sem exceção, e que todos nós, em sua realidade mais básica, compartilhamos a comunhão com Deus de uma maneira única.

Enquanto aguardamos a chegada à casa do Senhor, o Pai envia o Espírito Santo por meio do Filho, como conselheiro e auxílio de cada um de nós (cf. João 14, 15-21). Graças ao Espírito Santo, cada um de nós constrói sua própria vida, que é única.

Portanto, não faz sentido comparar o significado e o valor da minha vida com a de outras pessoas. Cada um de nós nasceu para ter neste mundo uma vida que não pode ser substituída por outras pessoas, para ser *"a única flor do mundo"*.

3. Guardar o dia de descanso

Quando falamos da morte, referimo-nos à nossa própria morte, mas não a consideramos como uma preparação para morrer, mas como uma forma de estender o nosso ser para o descanso eterno, um dia de repouso para além do tempo. A ordem do Senhor, *"Lembra-te de santificar o dia do sábado."* (Êxodo 20, 8), nos lembra que Deus, nosso Criador, tem um propósito.

A Bíblia começa assim: *"No princípio, quando Deus criou os céus e a terra..."* (Gênesis 1, 1) e termina com a promessa do Senhor e nossa súplica: *"Sim! Eu venho depressa!". Amém. Vem, Senhor Jesus!"* (Apocalipse 22, 20).

Disse Davi: "O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Em verdes prados ele me faz repousar. Conduz-me junto às águas refrescantes" (Salmo 23, 1-2), e cantava para descansar. Jesus prometeu o descanso eterno quando disse: *"Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei... e achareis o repouso para as vossas almas."* (Mateus 11, 28-29).

O objetivo da criação é ter um mundo abençoado no qual Deus e a humanidade vivem juntos face a face (ver Gênesis 2, 1-3). Para isso, Deus, ao longo do tempo, usa a história da salvação para preparar a realização da criação por meio de Cristo, o Alfa e o Ômega (cf. Apocalipse 1, 8).

A história do universo, do mundo e das nossas próprias vidas têm um final, e todas as coisas irão descansar naquele sábado (Sabbath). É o drama divino que Deus está revelando para mim que leva ao ato final do "descanso". Cada momento prévio é um *"tempo de graça, um dia de salvação"* (cf. 2 Coríntios 6, 1-2), em que a graça de Deus não deve ser desperdiçada, porque

ao final nos aguarda a alegria de dar frutos o cento por um (cf. Marcos 4, 20).

4. Olhando para Cristo, o Consumador de nossa fé

Em seus últimos anos (em torno dos 60 anos de vida), São Paulo escreveu: *"Não pretendo dizer que já alcancei (esta meta) e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo... só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo"* (Filipenses 3, 12-14). Por isso, aqueles de nós que acreditam na orientação de Deus olham para Cristo, aquele que iniciou e consumou a fé, enquanto corremos constantemente a corrida que nos espera (cf. Hebreus 12,1-2).

Cristo é nosso companheiro no encontro com a morte. Como os dois discípulos a caminho de Emaús (cf. Lucas 24, 13-27), quando experimentarmos contratempos ou fracassos em nossas vidas e sentirmos remorso, devemos convidar Jesus a vir e caminhar conosco. O próprio Jesus explicou a necessidade do sofrimento do Messias, que era considerado uma pedra de tropeço: *"Porventura não era necessário que Cristo sofresse essas coisas e assim entrasse na sua glória?"* (Lucas 24, 26). Ele ensinou a seus discípulos que a obra de salvação de Deus é um mistério e que todos os acontecimentos têm um significado.

O sábio Qohélet diz: *"Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo do céu"* (Eclesiastes 3, 1). Em primeiro lugar, *"há um tempo para nascer e um tempo para morrer"* (Eclesiastes 3, 2). Depois de dizer que tudo o que Deus faz é sempre belo, lembre-se que o homem *"não pode descobrir o que Deus fez do princípio ao fim"* (Eclesiastes 3. 11).

Antes que uma série de desastres se abatam sobre ele, Jó diz: *"O Senhor deu, o Senhor tirou: bendito seja o nome do Senhor!"* (Jó 1, 21), reconhecendo que sua vida e morte estão sob o domínio de Deus. A seguir, Deus testa se os pensamentos de Jó são sinceros.

Como escreve Lucas, *"Maria conservava todas essas palavras, meditando-as no seu coração."* (cf. Lucas 2, 19.51). Também nós continuamos a refletir sobre o nosso encontro com a morte com nossa confiança no Senhor.

5. Questionar o sentido do silêncio de Deus

"O encontro com a morte nos obriga a meditar no silêncio de Deus".

No Livro dos Salmos, há um grupo de orações conhecido como "Salmos de Lamentação". Neles, o sentido da presença de Deus se confunde com o sentido da ausência de Deus, de que Deus abandonou quem ora ou mesmo de que Deus não está presente. Quando o silêncio de Deus continua, nos perguntamos se é por causa da ira de Deus ou um castigo por nossos pecados, e não conseguimos suportar esse silêncio. Temos a tendência de querer experimentar Deus emocionalmente, mas o que Deus nos pede é que confiemos nele completamente.

O poema "Pegadas na areia", de Margaret F. Powers, descreve um sonho no qual a autora caminha pela vida com o Senhor. Suas pegadas e as do Senhor estiveram lado a lado em uma praia arenosa, mas houve um tempo em que ela enfrentou dificuldades e tristezas em sua

vida e, de pronto, percebeu que agora havia apenas um par de pegadas na areia. Em seguida, queixa-se ao Senhor: *"Não entendo o porquê, quando mais precisei de você, você me abandonou"*. Então o Senhor diz a ela: *"Minha preciosa menina, eu te amo e nunca vou abandoná-la, nunca jamais, durante suas provações e tribulações. No momento que você percebeu que havia apenas um par de pegadas na areia, foi porque eu estava carregando você."*

Jó perdeu tudo o que tinha em um único dia, seus bens, sua família, inclusive sua saúde, e ficou consternado com o silêncio de Deus, enquanto lhe perguntava sobre o significado desses acontecimentos. Mas o livro de Jó nos ensina que todas as experiências servem para perceber a presença imutável de Deus e que não devemos interpretar a obra de Deus de um ponto de vista meramente humano. Quando nos lembramos da dor, dos sofrimentos e das trevas do passado, não devemos perguntar por que eles aconteceram comigo, mas sim, como sou amado pelo Pai por meio deles.

6. "Creio na ressurreição da carne"

A base de nosso encontro com a morte reside em nossa fé na ressurreição: "Creio na ressurreição da carne." Este é a cúspide do Credo. Morrer é horrível, é um sentimento humano normal. Mas os cristãos podem aprender com a epístola de São Paulo não do por que morremos, mas do por que a morte é tão horrível. Assim também a morte se espalhou por toda a humanidade, visto que todos pecaram (cf. Romanos 5, 12-6, 14). Por causa do pecado de Adão, o primeiro ser humano, todos foram escravizados ao pecado por natureza e, portanto, sob o domínio da morte. O pecado é a desobediência a Deus, abandonar Deus e querer ser como o próprio Deus. Como resultado desse pecado, houve uma ruptura no relacionamento entre Deus e o homem.

Mas por meio da paixão e morte de Cristo, nossos pecados foram perdoados e nosso relacionamento com Deus foi restaurado. Como resultado, podemos viver livres do medo agonizante da morte. Paulo diz: *"Mas, com o dom gratuito, não se dá o mesmo que com a falta. Pois se a falta de um só causou a morte de todos os outros, com muito mais razão o dom de Deus e o benefício da graça obtida por um só homem, Jesus Cristo, foram concedidos copiosamente a todos."* (Romanos 5, 15). *"Tenho para mim que os sofrimentos da presente vida não têm proporção alguma com a glória futura que nos deve ser manifestada. Por isso, a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus."* (Romanos 8, 18-19).

A verdade de que os cristãos são vivificados pelo amor gratuito e a misericórdia de Deus é aceita na fé. Ao ser "batizados em Cristo Jesus" (cf. Romanos 6, 3), recebemos as primícias do Espírito que nos torna filhos de Deus (cf. Romanos 8, 23), e nos permite unir-nos ao Senhor na oração "Aba, Pai" (cf. Romanos 8, 15). Então, no fim do mundo, seremos ressuscitados por Cristo, o Senhor, e receberemos um corpo ressuscitado glorioso no qual viveremos a vida eterna (cf. 1 Coríntios 15, 35-49).

7. "O pão nosso de cada dia nos dai hoje"

A maior alegria do cristão é receber a Eucaristia como alimento para o caminho da vida. Jesus disse: *“Quem crê tem a vida eterna”* (João 6, 47), e prometeu: *“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.”* (João 6, 54).

No entanto, embora recebamos a vida eterna, nossa salvação tem dois aspectos a considerar: o "já" e o "ainda não". Por isso, Jesus nos alimenta com seu corpo, dando-nos o sustento de que precisamos para uma vida cheia de sofrimento e dor. Este alimento, que rezamos no Pai Nosso, *"O pão nosso de cada dia nos dai hoje"*, é, junto com todas as graças que recebemos do Senhor diariamente, o dom sacramental de que necessitamos para "este dia" enquanto estamos aqui neste mundo.

Além disso, através do sacramento da Eucaristia, nos unimos a Deus que transcende o tempo. Por meio do batismo, participamos da morte e da ressurreição de Cristo, e por meio do sacramento da Eucaristia, enquanto estamos neste mundo, já participamos da vida celestial de Cristo ressuscitado.

Quando pensamos nisso, percebemos que toda a vida de cada pessoa não é apenas um inventário da atividade pessoal, mas também é um inventário do toque eterno de Deus no tempo. Embora eu não consiga mais me lembrar da minha própria história, ela já está gravada na memória de Deus. Na "Vida após a morte" iremos saborear o eterno "agora" de viver com Deus na consciência do fluxo contínuo do tempo, momento a momento.

8. "Se não tenho amor, não sou nada"

No final de nossa vida nos graduamos de uma "ética do dever", isto é, da atitude de que a vida deve ser vivida de uma determinada maneira.

Um jovem rico perguntou a Jesus: *“Bom Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?”* (Marcos 10, 17). Mas, não há resposta à sua pergunta sobre um código a seguir. A salvação é recebida como um presente gratuito de Deus. O jovem não percebeu que lhe faltava fundamentalmente o conhecimento do mundo do amor, cheio de liberdade e alegria, fora do mundo do desejo e do mundo da lei. Jesus convida o jovem a se desfazer de seus bens e a despertar para este mundo de amor.

Nós também devemos procurar com cuidado o que nos impede de viver no mundo do amor. Devemos nos libertar de qualquer orientação que nos leve amar a Deus como um dever e, antes mais bem, aprofundar uma vida de amor que responde livremente ao amor de Deus.

Paulo nos diz em seu Hino ao amor (1 Coríntios 13, 1-13) que, *"Mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas... Ainda que distribuís-se todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria!... Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade – as três. Porém, a maior delas é a caridade."*

Só no encontro com a morte é possível relembrar a "Lista de Amor" de Paulo, todos os dias, e praticá-la. *"A caridade é paciente, a caridade é bondosa, não tem inveja. A caridade não é orgulhosa, não é arrogante nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses. Não se*

irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." 1 Coríntios 13, 4-7).

9. "Lembre-se de mim"

Não esperamos ir para o céu quando morreremos e sermos felizes lá. Há coisas que devemos fazer primeiro aqui: pedir perdão a Deus e aos outros. Todos nós temos "assuntos não resolvidos", autojustificativas repetidas e desculpas por nossos fracassos do passado.

Um dos dois criminosos que estavam à esquerda e à direita da cruz de Jesus ouve a oração de Jesus: *"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"* (Lucas 23, 34), e pede a Jesus: *"Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres entrado no teu Reino!"* (Lucas 23, 42). Jesus respondeu-lhe: *"Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso."* (Lucas 23, 43), e promete a salvação e o perdão dos pecados deste criminoso. O encontro com a morte é uma forma de oração que traz a mesma esperança que esse criminoso tinha.

"Aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê." (1 João 4, 20). Os que temos sido perdoados não podemos negar o perdão aos nossos irmãos. Devemos fazer o que o Pai Nosso diz: *"Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido"* (Lucas 11, 4). São Pedro diz. *"Um dia diante do Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda o cumprimento de sua promessa, como alguns pensam, mas usa da paciência para convosco. Não quer que alguém pereça; ao contrário, quer que todos se arrependam."* (2 Pedro 3, 8-9).

O fim da nossa vida é uma oportunidade preciosa em que todos os nossos encontros, passados e futuros, podem ser uma comunhão pura e amorosa. Depois de perceber que sua intenção de viver com suas próprias forças foi, na verdade, uma vida ajudada por muitas pessoas, você pode abrir seu coração para aqueles com quem precisa se reconciliar. Peça perdão em seu coração para aqueles que já faleceram ou para aqueles que você não verá mais pessoalmente, e peça perdão a Deus.

10. "O Deus que alegra a minha juventude"

À medida que envelhecemos, todos sentimos uma diminuição nas forças e nas funções físicas, mas Paulo diz que, para aqueles que conhecem a ressurreição de Cristo, esse fenômeno é um sinal de juventude interior. *"Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se de dia para dia."* (2 Coríntios 4, 16).

O homem interior é uma nova criação em Cristo (cf. 2 Coríntios 5, 17) que cresce até atingir a maturidade da plenitude de Cristo (cf. Efésios 4, 13), e vamos nos transformando à sua imagem com esplendor crescente (Cf. 2 Coríntios 3, 18). Davi louva ao Senhor porque *"É ele que cumula de benefícios a tua vida, e renova a tua juventude como a da águia."* (Salmo 103, 5). A antiga missa latina começava com o louvor *"A Deus, que alegra a minha juventude"* (Ad Deum qui laetificat juventutem meam). Nossa juventude interior é a juventude que Deus nos

dá, e Deus se alegra com isso.

A juventude interior mora num coração humilde que aceita o reino de Deus obedientemente, como uma criança (cf. Mc 10, 14-16). Jesus apresentou as crianças como um reflexo da verdadeira imagem dos filhos de Deus. Isso porque os filhos precisam de amor, procuram ser aceitos incondicionalmente, só precisam do amor daqueles que os cercam. Ser “pequeno”, como diz Jesus (Marcos 9, 42), é o valor mais alto para o ser humano. Em nossa sociedade, onde a eficiência, a saúde e o sucesso são priorizados, enquanto os fracos são discriminados e os perdedores são marginalizados, mesmo com a idade, podemos testemunhar a palavra de Paulo: *"Porque, quando me sinto fraco, então é que sou forte."* (2 Coríntios 12, 10).

11. A vida cristã simples

Pode-se dizer que a vida cristã simples se assemelha à prática do yoga “DAN-SYA-RI”, de recusar adquirir o que não é necessário (DAN), descartar o desnecessário (SYA) e abrir mão dos apegos pelas coisas (RI).

Paulo considerou tudo como perda em comparação com a maravilha de conhecer a Cristo. *"Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo."* (cf. Filipenses 3, 8).

Esse espírito é o segredo da vida simples para os cristãos. Jesus disse: *"Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração."* (Mateus 6, 21). Lutamos contra nossa obsessão pela riqueza, deixamos de querer mais e nos libertamos da vaidade e de uma visão egocêntrica da vida, para criar um lugar em nossos corações para os pobres e fracos.

Sobre a vida de fé, Paulo ensina a Timóteo: *"Sem dúvida, grande fonte de lucro é a piedade, porém quando acompanhada de espírito de desprendimento. Porque nada trouxe-mos ao mundo, como tampouco nada poderemos levar."* (1 Timóteo 6, 6-7). No encontro com a morte, aspiramos a uma vida simples, com um coração que confia no Senhor. Não somos os donos dos nossos bens, mas sim os seus administradores e, partilhando-os com o nosso próximo, servimos à providência de Deus (Gaudium et Spes, Constituição sobre a Igreja no mundo de hoje, 69).

Em vez de armazenar as coisas por algum tempo quando precisarmos delas, devemos rever o que é importante para permanecer no amor de Deus, deixar o futuro para Deus e nos conformar com a alegria de viver neste momento. Os cristãos fazem isso com o objetivo de *"buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça"* (Mateus 6, 33) e *"tudo o que você fizer, faça-o para glória de Deus"* (1Cor 10, 31).

12. Mãe da Misericórdia

Na oração de abertura da Missa da Festa da Assunção, comemoramos que a Virgem Maria foi elevada em corpo e alma ao céu no final da sua vida; os fiéis rezam para que entremos na alegria eterna com a Virgem Maria, expressando a esperança da salvação para todos os que

crêem. Já na quarta meditação sobre os Mistérios Gloriosos do Terço, pedimos a graça de uma boa morte.

A oração da noite, antes do descanso, termina assim: “*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito*” (Lucas 23, 46) e, por fim, o canto latino do Salve Regina: “*Salve, Rainha Santa.*” Como descendentes de Eva, que foi expulsa do Jardim do Éden, rezamos para que, ao atravessarmos este “vale das lágrimas”, sejamos protegidos em nosso caminho e, finalmente, vejamos o rosto de Jesus. A Virgem Maria estará perto de nós e pedirá ao Filho para nos ajudar quando estivermos fracos, feridos, humilhados, marginalizados e sofrendo.

A frase latina “*Memento mori*” (lembre-se de sua morte) rezada pelos monges medievais significava a mesma coisa que “*Memento Domini*” (lembre-se de seu Senhor). “Lembre-se de que você é mortal” significa “Lembre-se sempre do Senhor da vida”.

Neste tempo de incertezas quanto ao futuro causado pela crise do coronavírus, preparemo-nos para enfrentar a morte como cristãos, dando testemunho vivo de nossa fé na ressurreição de Jesus Cristo.

Maranathá ¡Vinde Senhor Jesus! A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco!
(cfr. 1 Coríntios 16, 22-23; Apocalipse 22, 20-21)

✠ Paulo Yoshinao Otsuka
Bispo de Quioto
Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus
1 de janeiro de 2022